SOUSA, Bernardo Vasconcelos e (coord.). *História da Vida Privada em Portugal – A Idade Média*. Maia: Circulo de Leitores e Temas e Debates, 2011, p. 479.

Carlos Eduardo Zlatic[1]
Doutorando em História
Universidade Federal do Paraná

● **Enviado em: 02/05/2013**
● **Aprovado em: 04/07/2013**

No ano de 1985, Philippe Ariès e Georges Duby lançaram a *História da Vida Privada*. A empreitada francesa rapidamente encontrou respaldo entre historiadores de outros países, a exemplo da História da Vida Privada no Brasil, dirigida por Fernando Antônio Novais, lançada em 1997.

Em 2011 – vinte e seis anos após o lançamento da coleção francesa –, a *História da Vida Privada em Portugal* chegou ao mercado editorial pelas editoras Circulo de Leitores e Temas e Debates. O diretor da coleção, José Mattoso – exímio medievalista português e autor de uma vasta obra de reconhecido valor –, abre o volume dedicado à Idade Média portuguesa com uma profunda crítica à obra francesa. Sem deixar de reconhecer o esforço e a utilidade da síntese efetivada por Ariès e Duby, o português aponta a fragilidade do emprego do binômio público/privado para o tratamento de períodos anteriores ao advento da modernidade, haja vista a inexistência de um limite preciso entre esses campos.

Seguindo de perto as críticas de Mattoso, Bernardo Vasconcelos e Sousa apresenta a introdução da *História da Vida Privada em Portugal – A Idade Média* e afirma que, tomando como referencia a obra de Duby, o período mais carente "[...] de revisão, aprofundamento e extensão, é a Idade Média"[2], tendo em vista a pouca disponibilidade de fontes apropriadas ao estudo do privado devido ao controle da Igreja sobre a escrita, o que refletia em registros mais alinhados a normas e práticas legitimadas pelo modelo clerical e menos à realidade.

O esquema da obra para a abordagem dos âmbitos que compunham as expressões da vida privada na Idade Média segue um movimento que parte do visível para o invisível, do

[1] Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná e membro do NEMED – Núcleo de Estudos Mediterrânicos.

[2] SOUSA, Bernardo Vasconcelos. Introdução. In: _____. *História da Vida Privada em Portugal* – A Idade Média. Maia: Circulo de Leitores e Temas e Debates, 2011, p. 18.

exterior para o interior do indivíduo, conforme explicado por Adelaide Pererira Millán da Costa. Portanto, é a partir desta perspectiva que devemos entender as grandes divisões dessa obra em "*Espaços e Lugares*", "*O corpo*" e *"... e a alma*".

Seguindo o esquema acima exposto, o "*Espaço Urbano e Espaço Rural*" são abordados por Adelaide Pererira Millán da Costa e Iria Gonçalves sob a perspectiva da imprecisão dos limites entre público e privado. Contudo, e ainda que pouco delimitados, nas cidades o espaço privado era identificado como o interior das residências, enquanto no meio rural se constituía pelo assentamento dos camponeses.

Presente no espaço urbano e rural, "*A casa*" é abordada por Silvio Conde, que expõe as especificidades próprias dessa edificação no campo – voltada para o trabalho agrícola e a criação de animais – e na cidade – com crescentes restrições espaciais provocadas pela concentração demográfica –, as transformações nas matérias empregadas em sua construção e arquitetura ao longo da Idade Média, sem desatentar para a vivência doméstica que a casa abrigava.

"*O paço*" é entendido por José Custódio Vieira da Silva enquanto símbolo de importância e do nível social do rei, ou nobre que o possuísse. No decorrer do capítulo o autor analisa os cômodos – sala, antecâmara, câmara de dormir, trascâmara, oratório, horto e capela – sob a perspectiva das funções específicas para a vida quotidiana e a intimidade de seus habitantes.

Adentrando as relações de parentesco e as remetendo ao privado, em "*A família: o léxico*", Leontina Ventura propõe um debate em torno do uso do conceito de *família* para a Idade Média. Com este intuito, a autora trata da importância do nascimento, da aliança matrimonial e da descendência para a inserção do indivíduo em relações cujos termos mais adequados ao medievo seriam os de *parentesco* ou de *parentela*, tendo em vista que "[...] a família medieval e a família no sentido actual não se identificam"[3].

Em "*A família – estruturas de parentesco e casamento*", Bernardo Vasconcelos e Souza e José Augusto de Sotto Mayor Pizarro tratam da importância do matrimonio para os nobres – preocupados com a afirmação de suas linhagens – e os não nobres – emprenhados em preservar suas posses –, concluindo que, de acordo com o meio social, os homens adotaram um modelo de parentesco que melhor atendesse aos seus interesses.

No capítulo seguinte, "*A festa – a convivialidade*", Maria Helena da Cruz Coelho trata das projeções da família para seu exterior em períodos festivos – demarcados pelos domingos e

[3] VENTURA, Leontina. A família: o léxico. In: SOUSA, Bernardo Vasconcelos. *História da Vida Privada em Portugal* – A Idade Média. Maia: Circulo de Leitores e Temas e Debates, 2011, p. 122.

celebrações próprias do calendário litúrgico, casamentos, mortes, feiras, aclamações e entradas régias –, assumidos como tempo do religioso e do sagrado, no qual os homens se recompunham para os dias pesados do cotidiano medieval.

Fechando o trecho da obra dedicado aos espaços e lugares, Luís Miguel Duarte aborda a "*Marginalidade e marginais*" e, logo de início, afirma que o conceito de *marginal* se tornou por demais impreciso após os anos 60 do século XX, para, a partir deste pressuposto, delimitar de forma mais precisa aqueles que, dentre os pobres, mendigos, prostitutas, leprosos, judeus, mouros e bandidos foram renegados à margem da sociedade medieval portuguesa.

A parte da obra dedicado ao corpo é iniciada por Iria Gonçalves com "*O nome*", no primeiro momento entendido em seu âmbito privado – atribuído pela família com base no repertório onomástico –, e no segundo como identificação individual ao público – por meio da referência patronímica ao grupo familiar. Por fim, a autora expõe o apodo, identificação dada numa trajetória inversa da acima exposta, ou seja, do público para a aceitação privada.

Em "*A Alimentação*", Iria Gonçalves desenvolve uma descrição pormenorizada da produção de alimentos – grãos, frutas, verduras, carnes – nas diversas paisagens que compunham o reino, sua circulação nos mercado e sua entrada nas cozinhas de grupos mais ou menos abastados, assim como sua preparação, adequada ao poder aquisitivo de camponeses e nobres.

Em "*A criança*", Ana Rodrigues de Oliveira aborda o tratamento dispensado às crianças durante seu nascimento e crescimento, educação – preocupação mais detectada entre os nobres –, as relações familiares e a assistência aos pequenos abandonados para, ao fim do capítulo, refutar a afirmação de que a alta mortalidade de crianças acabava por desestimular os cuidados dedicados a elas durante a Idade Média em Portugal.

Ana Rodrigues Oliveira e António Resende de Oliveira abordam "*A mulher*", tanto no âmbito da nobreza – sendo seu papel relegado à domesticidade, principalmente pelas influências nobiliárquicas e eclesiásticas que surgiram após o século XIII –, quanto no da população menos abastada – com funções voltadas para pequenos trabalhos no campo ou na cidade. Em ambos os casos, a eminência de sua função foi circunscrita aos trabalhos domésticos e a educação dos filhos, o que pressupunha a posse de conhecimentos e saberes, tema que, segundo os autores, carece de maiores estudos.

Em "*A sexualidade*", António Resende de Oliveira aborda como a pregação clerical, em seu discurso de exaltação da abstenção monástica e contenção sexual, encontrou respaldo no poder régio, que passou a legislar sobre o assunto, impondo duras penas à luxúria. Contudo, o

autor salienta ser difícil precisar a influência dessas ações sobre os comportamentos de uma corte que se civilizava, adotando a dissimulação como norma e conduzindo o sexual para a privacidade.

Finalizando a divisão da obra dedicada ao corpo, "*O corpo, a saúde a doença*" coube a José Mattoso, que apresenta o corpo como figura maior da intimidade na Idade Média, sobre o qual deveria haver a contenção dos gestos e o equilíbrio dos humores. A ele era atribuída a podridão terrena do homem, a arena de embates entre forças positivas e negativas, mas também considerado o espelho da alma – perceptível por meio dos gestos. Ao lado das conotações espirituais, o corpo era conhecido profundamente em sua anatomia, exposta em tratados de saúde hispano-árabes.

Por fim, a obra se abre para a alma com o texto de Maria de Lurdes Rosa, chamado "*Sagrado, devoções e religiosidade*", no qual a autora interroga as afirmações da historiografia moderna e contemporânea acerca da vida religiosa com prática privada na Idade Média e afirma que a leitura e a privatização do espaço eclesial não visavam atender o indivíduo, mas se abriam à comunidade. Por fim, a autora questiona a valorização da confissão auricular pela historiografia da década de 1980, e entende a resistência a esta prática não enquanto busca pelo privado, mas antes como o contato direto com Deus.

"*A morte e o Além*" são tratados por Maria de Lurdes Rosa, que se baseia nas críticas acerca da concepção de morte desenvolvidas pela historiografia francesa dos anos 70 do século passado para afirmar que o óbito para o período medieval "[...] nunca foi: privada, individual e definitiva"[4]. Diante deste enunciado, a autora aborda os testamentos para afirmar que a morte era cercada pela preocupação com os demais parentes e entendida como transição para a vida verdadeira e salvação, propiciada pelas orações dos vivos.

Fechando a obra, em "*Memórias*", Mario Jorge Barroca faz referência a um amplo *corpus* documental para expor uma sociedade que, principalmente a partir do século XII, experimentou uma sistematização dos registros escritos como antídoto contra o esquecimento, compondo uma memória voltada à legitimidade do futuro, mas que não possibilitou que todos os relatos chegassem até nossa contemporaneidade.

Diante a multiplicidade de temas e do rigor metodológico pelo qual são tratados pelos seus respectivos autores, coordenados por Bernardo Vasconcelos e Sousa, a *História da Vida Privada em Portugal – A Idade Média* se constitui como importante obra da historiografia portuguesa ao empreender uma profunda crítica ao emprego do binômio público/privado

[4] ROSA, Maria de Lurdes. A morte e o Além. In: SOUSA, Bernardo Vasconcelos. História da Vida Privada em Portugal – A Idade Média. Maia: Circulo de Leitores e Temas e Debates, 2011, p. 406.

para entender a Idade Média e as concepções acerca da emergência do indivíduo moderno na Baixa Idade Média, referencial presente em toda a obra e que logrou dar um tratamento mais rigoroso, evitando anacronismos no emprego desses conceitos para a História Medieval portuguesa.

Por fim, ao se distanciarem da proposta de historia total que caracteriza da *História da Vida Privada* de Ariès e Duby – como apontado por Mattoso –, os historiadores portugueses puderam analisar de forma mais pormenorizada como o contexto político, econômico e social influenciou a delimitação entre os espaços de vivência pública e privada presentes no reino de Portugal.